



Temas Livres

APONTAMENTOS SOBRE A EPOPEIA HAGIOGRÁFICA *ISIDRO* (1599), DE LOPE DE VEGA

NOTES ON THE HAGIOGRAPHIC EPIC *ISIDRO* (1599), BY LOPE DE VEGA

Gabriel Furine Contatori¹

 Universidade Federal de São Paulo



furine.contatori@unifesp.br



RESUMO: Em 1599, Lope de Vega publica a epopeia hagiográfica *Isidro*, cujo herói é santo Isidro, o lavrador, patrono da cidade de Madri. Este artigo pretende, retomando as preceptivas poético-retóricas antigas e modernas sobre o gênero epopeia, situar a epopeia lopiana nas discussões quinhentistas e seiscentistas sobre o gênero, especificamente sobre a manutenção do maravilhoso e o respeito ao verossímil, bem como analisar as partes quantitativas – título, proposição, invocação, dedicatória e narração –, da referida epopeia.

PALAVRAS-CHAVE: Epopeia hagiográfica; *Isidro*; Preceptiva poética; Leitura crítica; Lope de Vega.

RESUMEN: En 1599, Lope de Vega publica la epopeya hagiográfica *Isidro*, cuyo héroe es santo Isidro, el labrador, patrono de la ciudad de Madrid. Este artículo pretende, al retomar las preceptivas poético-retóricas antiguas y modernas acerca del género epopeya, situar la epopeya lopesca en las discusiones de los siglos XVI y XVII sobre el género, específicamente acerca del mantenimiento de lo maravilloso y del respecto al verosímil, así como analizar las partes cuantitativas – título, proposición, invocación, dedicatoria y narración –, de la mencionada epopeya.

PALABRAS CLAVE: Epopeya hagiográfica; *Isidro*; Preceptiva poética; Lectura crítica; Lope de Vega.

“Luego justa cosa es, y conveniente, loar a Dios, a su madre y a los santos, en versos”
Isidro (1599), de Lope de Vega.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 26 (Jan-Jun/2025)

Informações sobre os autores:

1 Doutorando em Letras (área de Estudos Literários) na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Tem Graduação em Letras (Português e Espanhol) (2019) e mestrado em Letras (área de Estudos Literários) (2022), ambos os cursos realizados na UNIFESP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura espanhola, atuando principalmente nos seguintes temas: letras espanholas dos séculos XVI e XVII, teatro, Lope de Vega, poética, retórica e teologia-política católica seiscentista.



10.29281/rd.v13i26.16374

Fluxo de trabalho

Recebido: 27/10/2024

Aceito: 16/06/2025

Publicado: 03/07/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



INTRODUÇÃO

Nos séculos XVI e XVII, há uma acalorada discussão, no âmbito da preceptiva poética, a respeito da fidelidade às técnicas de composição da epopeia e da observância da religião vigente. Há, em outros termos, um questionamento: como fazer uso do maravilhoso próprio do gênero sem, contudo, infringir o verossímil poético?

Um exemplo significativo dessa questão é a epopeia *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões. De um lado, a inclusão do maravilhoso dito “pagão” é vista como ornamento poético, logo não infringiria a verossimilhança nem desrespeitaria a religião católica. É o que diz o frei Bartolomeu Ferreira, a quem foi incumbida a tarefa de aprovar a publicação da obra:

Vi por mandado da Santa & Geral Inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luís de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia & Europa, e não achei nelles cousa algũa escandalosa, nem contrária à fé e bõs costumes, somente me pareceo que era necessário aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da navegação & entrada dos Portugueses na India, usa de hũa ficção dos Deoses dos Gentios. (...) Todavia como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tivemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal: & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios (Ferreira, 1572, s/p).

De outro lado, o uso dos “Deoses dos Gentios” é visto como indecoroso. Manuel Pires de Almeida, por exemplo, aponta um erro na invocação do épico camoniano. Segundo ele, Camões deveria ter recorrido aos santos da Igreja às falsas musas (Morganti, 2008, p. 67).

Em meio a esse debate, em 1599, Lope de Vega publica a epopeia hagiográfica¹ *Isidro*, cujo herói é o lavrador, que, em 1622, viria a ser canonizado pelo Papa Gregório XV. Na épica lopiana, aliás, fica evidente a expectativa pela canonização do lavrador, que, no poema, já é tido como santo e patrono de Madri:

Era Canonización
De España, oprimida tanto,
Elevar del suelo un santo,
Dándole veneración,
Himnos, altar, culto, y canto.

¹ Felipe (2022), em seu balanço histórico sobre o gênero epopeia, adota a expressão “epopeia hagiográfica” para se referir às epopeias centradas em temas bíblicos ou em vidas de mártires. Segundo ele, essas epopeias surgiram na Antiguidade tardia. No século VI d. C., por exemplo, Arátor escreve *Historia Apostolica*, epopeia que narra a ação evangelizadora (*res gestae*) dos apóstolos são Pedro e são Paulo (Felipe, 2022, p. 53). Assim sendo, adota-se neste trabalho o termo “epopeia hagiográfica” para se referir às epopeias cujos heróis são santos católicos.

Y por esta causa ha estado
Solamente venerado,
que la Canonización
Ya el Papa, y con gran razón,
A si solo ha reservado.

Mas la madre que se goza
De tal hijo, la pretende,
Cuya execución emprende
Fray Domingo de Mendoça,
Y en las probanças entiende.

Que son tales, y tan buenas,
De tantos milagros llenas,
que para tan larga fama
Falta lengua, voz, y pluma,
Número, estrellas, y arenas
(Lope de Vega, 1599, p. 252).

Ainda que o estudo do poema se mostre interessante, na medida em que a epopeia lopiana substitui o maravilhoso pagão pelo maravilhoso cristão, os comentários críticos sobre o poema tendem a ser pouco esclarecedores. Entrambasaguas (1961, p. 207), por exemplo, destaca que *Isidro*, assim como *La Dragontea* (1598), por sua qualidade, não rendeu a Lope a alcunha de poeta épico da Espanha. Pereira (2018, p. 212), por seu turno, afirma que Lope procurou, por meio da escrita de epopeias, colocar-se como um “novo Virgílio”² a fim de fortalecer a monarquia espanhola. Além disso, no tocante ao poema *Isidro*, tratar-se-ia de um “projeto ainda mais simples e menos ambicioso” de Lope, ainda que demonstre um total alinhamento do dramaturgo aos valores da religião católica e da coroa espanhola (Pereira, 2018, p. 213).

Eximindo-se, neste texto, de uma discussão teórica sobre as tentativas pouco exitosas de Lope de Vega no campo da poesia épica, é certo, porém, que a leitura do poema *Isidro* pode se tornar mais profícua se se levar em consideração a discussão, no âmbito da preceptiva poética, vigente nos séculos XVI e XVII, em torno da epopeia.

Assim sendo, este artigo pretende, ao recorrer às preceptivas antigas e modernas sobre a epopeia, situar o poema *Isidro* nas discussões sobre o gênero em voga nos anos Quinhentos e Seiscentos, especificamente nos questionamentos sobre o uso do maravilhoso e o respeito ao verossímil poético. Além disso, busca-se analisar as partes quantitativas do poema, especificamente título, proposição, invocação, dedicatória e narração.

2 O próprio Lope de Vega, aliás, afirma que tentou ser um novo Virgílio. Em um texto dirigido ao frei Domingo de Mendoça, que compõe o conjunto de textos preambulares da edição de 1599 de *Isidro*, Lope, valendo-se da modéstia afetada, diz: “Quisiera yo ser un Virgilio, pero tal como soy, pues no puedo dar mas de lo que tengo, proseguiré su vida y alabanzas [de santo Isidro], hasta que otro mas digno las celebre” (Lope de Vega, 1599, p. 2).

1. A EPOPEIA HAGIOGRÁFICA NOS SÉCULOS XVI E XVII

Na *Poética* aristotélica, a discussão sobre a epopeia é acidental, pois serve apenas para fazer um contraponto à tragédia. Os objetos da imitação da tragédia e da epopeia são os homens superiores e exemplares. A epopeia, em oposição à tragédia, adota o modo misto (narrativo e dramático) e pode utilizar episódios mais extensos. Aliás, pelo fato de a epopeia ter um argumento sucinto e diversidade de episódios, a ação cantada nesse gênero pode exceder, diferentemente da tragédia, o período de um sol (Aristóteles, 1984).

Na *Arte Poética*, Horácio (1984, p. 64) sintetiza a matéria da epopeia nos seguintes termos: “(...) descrever os feitos [*res gestae*] dos reis, dos chefes [e] as tristes guerras”. A finalidade do gênero, portanto, é o “(...) prazer decorrente da admiração das *res gestae*, ‘coisas feitas’ que efetuam o *kleos* ou a *fama* [do herói]” (Hansen, 2008, p. 27). Por estar centrada na narração dos grandes feitos realizados por uma figura exemplar, o herói, a epopeia ensina virtudes cívico-morais.

De acordo com Felipe (2022, p. 52), com a “invenção de um Deus transcendental responsável pela fabricação *ex nihilo* do mundo”, surge um “novo paradigma de comportamento”. De fato, nas preceptivas dos séculos XVI e XVII em torno da epopeia, nota-se uma discussão, como dito na introdução, que visa a entender como congregar o maravilhoso próprio do gênero – que, até então, era desempenhado pelas figuras das religiões gregas ou romanas – e o verossímil poético. Nessa direção, deve-se recordar que os escritores quinhentistas e seiscentistas “(...) escrevem e publicam em sociedades controladas pela legibilidade dogmática do Santo Ofício da Inquisição” (Hansen, 2008, p. 32).

Inicialmente, cabe destacar que a imitação de Deus, dos santos ou anjos, não é ilícita. Na preceptiva *Tablas Poéticas* (1617), Francisco Cascales recupera a divisão que Aristóteles faz entre os objetos da imitação, que seriam, para o filósofo grego, superiores, iguais ou inferiores a nós, para incluir Deus, anjos e santos como objetos superiores da imitação: “Las cosas que imitamos son las costumbres y hechos de las personas. Estas son unas supremas, como Dios, Ángeles, Santos, Pontífices, Reyes, Príncipes, Magistrados, Caballeros (...)” (Cascales, 1779, p. 16). Por serem objetos superiores da imitação, Deus, anjos e santos devem figurar nos gêneros elevados, tais como a epopeia.

Na epopeia, aliás, esses objetos são usados como substitutos dos elementos ditos “pagãos”. Cascales (1779, p. 132), frente à acusação de que a epopeia antiga, por fazer uso de deuses e deusas, tinha mais variedade e era menos engessada do que a epopeia escrita no mundo cristão, estabelece um tipo de equação entre as personagens da épica antiga e da moderna. Segundo ele, os deuses antigos foram substituídos por Deus, anjos e santos; os oráculos e as sibilas, por feiticeiros e necromânticos; Mercúrio, mensageiro dos deuses, foi trocado por anjos, que são embaixadores de Deus.

Tais questões são desenvolvidas de modo modelar no *Discorsi dell'arte poetica, ed in particolare sopra il poema eroico* (1587), de Torquato Tasso. Nessa preceptiva, Tasso retoma as discussões aristotélicas sobre a adoção de uma matéria histórica ou fingida na tragédia e na epopeia, para desenvolver uma reflexão sobre as duas naturezas da epopeia, o maravilhoso e o verossímil. Segundo ele, é “pouco deleitável” o poema que não recorre ao maravilhoso (corcéis voadores, ninfas, espectros etc.), responsável por agradar vulgares e discretos. Entretanto, o maravilhoso não pode estar atrelado às “deidades dos gentios”, pois, se estiver, o verossímil é posto em xeque (Tasso, 2015, p. 59). A questão que Tasso coloca, então, é a adequação do gênero ao seu momento de produção e recepção. No século XVI, as divindades gregas ou romanas não são mais consideradas verdadeiras pelos leitores das obras. Dessa forma, a ação que esses deuses venham a desempenhar na narração³, embora mova os ânimos pelo prazer gerado, não pode ser considerada verossímil.

No mundo antigo, porém, esse problema não existia, tendo em vista que os receptores dos poemas atribuídos a Homero, por exemplo, por acreditarem nos deuses, julgavam que a interferência dessas divindades na matéria narrada no poema poderia, de fato, acontecer. Em outros termos, era, para aquela recepção, algo verossímil. Como os tempos são outros, e os critérios de determinação do verossímil se modificaram, cabe ao poeta que desejar escrever uma epopeia, nos anos Quinhentos e Seiscentos, substituir o maravilhoso pagão pelo maravilhoso cristão. Assim, Deus, santos, anjos ou demônios, tidos como verdadeiros pela audiência cristã, além de efetuarem o maravilhoso – o qual é associado, por Tasso, aos milagres – asseguram o verossímil, pois suas ações, mesmo que incluídas na matéria histórica, são tidas como possíveis de acontecer.

Como visto, os componentes da religião cristã são passíveis de serem objeto da imitação, bem como podem figurar em epopeias tanto para assegurar o maravilhoso quanto para garantirem o verossímil. Ainda assim, cabe apontar que, para alguns preceptistas, temas de religião não deveriam ser matéria da epopeia. Sobre essa questão, Manuel Pires de Almeida, no *Discurso sobre o Poema Heroico* (entre 1630 e 1640), tece a seguinte observação:

Toma também suas diferenças a épica da matéria que trata, porque umas vezes se fabricam sobre coisas devotas e de religião, como Sannazaro, *De Partu Virginis*; outras de amores, como Heliodoro; outras de batalhas como Virgílio, e estas são as mais dignas do nome heroico, porque na verdade traz muito deleite com as mortes trágicas que introduz, e ficções que têm muita doutrina com uma e outra filosofia.

³ Usa-se neste artigo o termo “narração” conforme definição proposta nos anos Seiscentos: “NARRAÇÃO: Segundo os Rhetoricos, he a parte da oração, em que se narra o caso, ou successo de que se trata (Bluteau, 1728, p. 680). Sendo assim, na epopeia, a narração é a parte principal do poema, responsável por narrar o sucesso apresentado na proposição: “A narração é a principal parte de quantidade da epopeia. Deve dar conta da ação única e inteira, feita como começo, meio e fim, incluindo ações secundárias ou episódios” (Hansen, 2008, p. 47).

Todo o argumento da épica há de ser da vida civil, e em tudo as partes principais entre as pessoas se dão aos reis e aos heróis: misturam-se deidades porém guardando a religião do que se escreve, como fica dito; entre os negócios civis se instituem batalhas (...) (Almeida, 2006, p. 7).

Para Pires de Almeida, a matéria, por excelência da épica, é a que está atrelada à vida civil. Ademais, a presença de reis, heróis, batalhas e mortes trágicas também são elementos constitutivos da poesia heroica. Ainda assim, Almeida não desconsidera que se possa atribuir o nome de poema épico àqueles que tratam de “coisas devotas e de religião”.

A epopeia hagiográfica, portanto, pode ser considerada um subgênero da epopeia, tendo em vista que os temas religiosos podem ser matéria desse gênero poético. Além disso, a escolha de temas devotos ou vida de santos como matéria da poesia evita, como se viu, que o poeta recorra ao maravilhoso “pagão”. A narração dos milagres dos santos garante simultaneamente o maravilhoso e o verossímil. Aliás, a eleição de vida de santos como matéria da epopeia, além de garantir o deleite por meio do maravilhoso, assegura o ensino, tendo em vista o caráter exemplar dessas figuras (Maerki, 2018, p. 43).

Após esse breve panorama, para dar fim a essa seção, deve-se destacar as partes quantitativas da epopeia. De modo geral, as preceptivas quinhentistas e seiscentistas, como a *Philosophia Antigua Poética* (1596), de Alonso López Pinciano, consideram a proposição, invocação e narração como partes fundamentais da epopeia. A dedicatória, embora também seja uma parte, deve ser incluída fora do poema, numa seção própria (Pinciano, 1998, p. 469). Além dessas quatro partes, considerar-se-á, neste artigo, o título como parte quantitativa da epopeia. Na sequência, ver-se-á como essas partes estão presentes na epopeia *Isidro*, de Lope de Vega.

2. TÍTULO

Na epopeia, segundo Hansen (2008, p. 45), no título, adota-se ou o nome do herói (*Eneida*, de Eneias; *Odisseia*, de Odisseu etc.), ou do lugar onde se desenvolve a ação (*Íliada*, de Ílion; *O Uruguai*, do rio de mesmo nome etc.). Seguindo essas diretrizes, Lope de Vega intitula sua epopeia de *Isidro*, o nome do herói que será cantado no poema.

Esse herói tem, evidentemente, uma particularidade se comparado a heróis antigos, como Aquiles ou Odisseu. Trata-se, não só de um lavrador madrileno, que teria nascido em 1150 e falecido em 1220, mas de um santo católico. Aliás, a associação entre santos e heróis não é estranha. Maerki (2018, p. 45) destaca, por exemplo, que ambos “são guiados pela virtude, defendem a perfeição e a vida correta (...)”. Entretanto, embora guardem aspectos semelhantes, santos são diferentes de heróis, pois aqueles são intercessores entre

“(…) Deus e os homens, mediadores cujos milagres confirmam sua escolha por um ser superior (…)” (Maerki, 2018, p. 45).

Nos versos iniciais do Canto I, a voz épica traça as características principais de Isidro, o herói do poema:

Con la embidia del Pastor
 Bien es que competidor
 Madrid de Sevilla sea,
 Mas era entonces aldea,
 Y dio a Isidro Labrador.

O fuese tiempo después,
 Al fin este Isidro es
 Del nombre de aquel Pastor,
 No sabio, mas Labrador,
 Que tuvo el mundo a sus pies.

Que aunque el nōbre fue verdad,
 Que le vino de su herencia,
 Por su humildad y inocencia,
 Imito su santidad,
 Pero no imito su ciencia.

No supo Filosofía,
 Física ni Teología,
 Como Isidro, luz del suelo,
 Pero supo hallar el cielo,
 Llevando la fe por guía.
 (...)
 Toda la curiosidad
 De los estudios humanos,
 Puso en amar sus hermanos,
 Escuela de caridad,
 Que es estudio de las manos.
 (...)
 Así que por ignorante
 No es Isidro desigual
 A su heroyco original,
 Mas retrato semejante
 En la parte principal
 (Lope de Vega, 1599, p. 8-9).

No trecho são associados dois santos espanhóis de mesmo nome: Isidro, o lavrador madrileno; e Isidro, bispo de Sevilha e Doutor da Igreja. O bispo sevilhano é colocado como modelo do lavrador. O lavrador, ainda que não domine os conhecimentos humanos (filosofia, física e teologia) de seu modelo, pois, sua aprendizagem se dá na prática, no

serviço aos outros; cultiva as principais virtudes do bispo de Sevilha: humildade e amor. Essas virtudes, essencialmente cristãs, são consideradas heroicas (Hansen, 2008, p. 75).

A humildade é entendida, nos anos Quinhentos e Seiscentos, como uma virtude que inclina a criatura a desprezar seus privilégios e ter uma baixa estima de si mesma a fim de engrandecer a Deus (Bluteau, 1728, p. 72). Ao rebaixar-se a si mesmo, o indivíduo humilde se mostra sujeito à potestade superior. Por essa razão, a virtude da humildade tem como contrário o vício da soberba, o qual foi responsável pela queda de Lúcifer.

No Canto II da epopeia, há um episódio modelar a respeito da humildade de Isidro. Isidro trabalha nas terras de Iban de Vargas, contudo, antes de trabalhar, vai à missa. Os demais lavradores, incitados pela Inveja, acusam Isidro de não trabalhar e desejar a destruição das terras de Vargas. O patrão, preocupado com as acusações, inquirir Isidro:

Villano, el noble dezia,
Es bueno que assi mi hazienda,
Que tienes en encomienda,
Por tu falsa hipocresía
A tal perdición se estienda?
(...)
Si la labrança aumentada
Por mi descuydo no ha sido,
Ni aueis lo justo cogido,
Cobraldo de mi soldada,
Que a Dios doy lo que es devido.

Hazer oración a Dios,
Que os puede quitar a vos?
Pero tasse el que os lo cuenta
El daño de vuestra renta,
Y hagamos cuenta los dos.

Viendo su amo la risa
De su boca humilde y santa,
Embuelta en paciencia tanta
Presume que quien le auisa,
Testimonios le levanta
(Lope de Vega, 1599, p. 51).

Isidro, embora seja um eleito de Deus e receba ajuda dos anjos em sua tarefa de arar o campo, mantêm-se, diante de Vargas, numa posição submissa, sujeita ao patrão a quem é, hierarquicamente, inferior. Ademais, parafraseando o *Evangelho de São Mateus* (cf. Mt 22, 21), Isidro propõe restituir o patrão de possíveis perdas financeiras. Isidro é, na verdade, duplamente humildade: sujeita-se a Deus, a quem dá o que é devido (a oração); e a Iban de Vargas, para quem trabalha, e a quem oferece o salário como meio de corrigir possíveis erros.

3. PROPOSIÇÃO

Na proposição, o poeta deve apresentar, brevemente, a matéria sobre a qual tratará no poema (Cascales, 1779, p. 115; Pinciano, 1998, p. 469). Tal como indica a preceptiva, a proposição de *Isidro* é apresentada de forma breve, em uma única estrofe:

Canto el varón celebrado,
Sin armas, letras, ni amor,
Que ha de ser un labrador
De mano de Dios labrado,
Sujeto de mi labor
(Lope de Vega, 1599, p. 1).

Ainda que os primeiros versos possam lembrar o início da proposição da *Eneida*, de Virgílio, é evidente que Isidro não é Eneias. Se, na *Eneida*, cantam-se as armas e o varão, aqui, o varão não tem armas, letras ou amor. Isidro não é um herói bélico como os heróis que figuravam em epopeias gregas ou romanas. Como Jesus que manda Pedro guardar a espada na bainha, Isidro não é afeito às armas. Tampouco é afeito às letras, as quais, como se viu, não domina.

De modo geral, Isidro escapa do “ideal de cavalheiro renascentista”, o qual deveria conciliar as armas e as letras (Teixeira, 2018, p. 26). O domínio das armas e as letras, porém, torna-se insignificante diante do fato do lavrador ter sido lavrado pelas mãos do próprio Deus. Dessa forma, a proposição indica que, no poema, será cantado um varão celebrado, um santo, um eleito de Deus. Como discorrer sobre um santo não é um labor fácil para o aedo, é necessário invocar o auxílio divino.

4. INVOCACÃO

Na *Philosophia*, de Pinciano, há um diálogo interessante entre as personagens Pinciano, Ugo e Fadrique a respeito do lugar que a invocação deve ocupar na epopeia: se antes, ou depois da proposição. Retomando a *Ilíada* e a *Odisseia*, Fadrique destaca que, antes de apresentar a matéria do poema, invoca-se o auxílio divino das musas⁴, diferentemente do que ocorre na *Eneida*⁵. A personagem, então, questiona onde a invocação deve ser colocada. A discussão é desenvolvida sob uma ótica cristã. Para Fadrique e o Ugo, Deus, – e não as musas –, deve ser invocado antes da apresentação da proposição,

4 “Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou, / depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada” (*Odisseia*, I, vv.1-2) (Homero, 2011, p. 119). “Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida / (mortífera), que tantas dores trouxe aos Aqueus / e tantas almas valente de heróis lançou no Hades (...)” (*Ilíada*, I, vv. 1-3) (Homero, 2013, p. 109).

5 “As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia / por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro / e de Lavínio nas praias. (...) Musa!, recordar-me as causas da guerra, a deidade agravada / por qual ofensa a rainha dos deuses levou um guerreiro” (*Eneida*, I, vv. 1-3; vv. 8-9) (Virgílio, 2016, p. 73)

pois, sem Ele, nada pode ser feito: “Todo hombre debe seguir piedad y reverencia a Dios, el cual, si no se antepone a las cosas todas, es lesa en su majestad (...) sin Dios no puede hombre alguno proponer de hacer cosa alguna” (Pinciano, 1998, p. 470). Pinciano aponta que, tanto Homero quanto Virgílio, são autoridades no gênero epopeia e, por isso, fazendo uso do livre-arbítrio, o poeta pode escolher se deseja dispor a invocação antes ou depois da proposição (Pinciano, 1998, p. 471).

Evidentemente, o ponto central da discussão das personagens não é a disposição que a invocação deve ocupar na epopeia, mas, sem dúvida, o lugar de Deus na estrutura do poema. As musas até então invocadas deveriam ceder lugar a Deus e filiais. É o que ocorre no poema *Isidro*:

Si voz y plectro me falta,
Mi ronco instrumento esmalta,
Palestina virgen Pales,
De las cuerdas celestiales
Del Alemania mas alta.

No venga Fauno, ni Dria,
Ni el Pan del Arcadio suelo,
Solo ayuden a mi zelo
La Cristifera Maria,
Y el pan que baxó del cielo.

Para hablar de un labrador,
Este es pan, Dios, y pastor,
En quien, de quien, y por quien
Esta y viene todo el bien,
Que no ay bien sin su fauor
(Lope de Vega, 1599, p. 1-2).

Para conseguir cantar o lavrador Isidro, matéria elevada que exige um grande esforço, o aedo não recorre às musas antigas, mas pede o auxílio da virgem Maria e de seu filho Jesus. À Maria e a Jesus cabe, na falta do estilo e da voz, adornar o instrumento do aedo a fim de que ele possa cumprir sua tarefa. Como é colocado na invocação, é de Deus que tudo provém, inclusive o auxílio poético. Afinal, é dele, por Ele e para Ele que as coisas são feitas.

5. DEDICATÓRIA

Alonso López Pinciano e Manuel Pires de Almeida desaconselham o uso da dedicatória, pois, segundo eles, é um tipo de adulação da qual os poetas heroicos devem ver-se livres. O canto dos poetas heroicos, para esses preceptistas, deve ser movido por amor à virtude e não por outros interesses (Almeida, 2006, p. 8; Pinciano, 1998, p. 472-

473). Ainda assim, caso a dedicatória seja necessária, indica-se que ela seja colocada fora da obra, nunca inserida dentro do poema (Pinciano, 1998, p. 473).

Em *Isidro*, Lope de Vega elenca duas dedicatórias, sendo a primeira inserida junto com os demais discursos preambulares da obra; e a segunda, logo após a invocação. O poema é dedicado “a la muy insigne villa de Madrid”. Na dedicatória que antecede o poema, Lope se dirige à vila de Madri e diz que o poema *Isidro*, a ela dedicado, é uma forma de “reconhecimento” por ser ele, Lope, madrilenho (Lope de Vega, 1599, s/p). Após a invocação do poema, Lope se dirige novamente a Madri, “patria dichosa / Deste Labrador y mia”, e solicita que os madrilenos ouçam seu canto, pois ele, também nascido nessa cidade, escreve sobre Isidro, um “hijo” de Madri (Lope de Vega, 1599, p. 2).

É importante acentuar que, no prólogo à epopeia, Lope de Vega desenvolve a ideia apresentada na dedicatória. Segundo ele, embora seja um atrevimento de sua parte escrever sobre Isidro, seu amor à pátria e ao lavrador são os motivos que o levaram a escrever o poema, cuja finalidade é aumentar “la deuoción en muchos” (Lope de Vega, 1599, p. 4).

Tanto nas duas dedicatórias quanto no prólogo, é evidente que Lope de Vega mobiliza alguns procedimentos retóricos para captar a benevolência (*captatio benevolentiae*) da audiência. Na *Retórica a Herênio*, indicam-se alguns procedimentos capazes de angariar a atenção do auditório, por exemplo: dizer que tratará de assuntos importantes como o culto aos deuses; falar de nós mesmos, dos nossos adversários, dos ouvintes ou dos feitos:

Obtendremos el favor hablando de nosotros si recordamos sin presunción nuestros servicios y mostramos nuestro comportamiento anterior con respecto al Estado o hacemos alguna referencia a nuestros padres o amigos o incluso a los propios oyentes, siempre que todo ello tenga relación con el asunto que se discute. Obtendremos el mismo resultado si mencionamos nuestras dificultades, pobreza, soledad o desgracias; también si suplicamos la ayuda de nuestros oyentes al tiempo que les hacemos ver que sólo en ellos hemos querido depositar nuestra esperanza (Anónimo, 1997, p. 76-77).

Lope de Vega capta a benevolência da audiência ao dizer que tratará de um assunto religioso: a vida de santo Isidro. Além disso, Lope articula três níveis: ele próprio, o assunto e a audiência. Lope, santo Isidro e a audiência, a quem o poema é dedicado, são filhos de Madri. Sendo assim, Lope fala dele próprio ao destacar que, por ser madrilenho, escreve o poema como gesto de amor à Madri e ao santo lavrador de mesma pátria; fala da audiência ao acentuar que ela, por ser filha de Madri, deve dispor seu ouvido para escutar o poema sobre um madrilenho santo; e fala da matéria que tratará: a vida do lavrador santo Isidro.

6. NARRAÇÃO

Na narração, segundo a *Retórica a Herênio*, expõe-se o desenvolvimento dos feitos como se produziram, ou como poderiam se produzir (Anônimo, 1997, p. 73). As três virtudes da narração são brevidade, clareza e verossimilhança. Dentre outros aspectos, a brevidade diz respeito à narração iniciar “en el punto preciso” (Anônimo, 1997, p. 82). A narração clara é aquela em que, dentre outras características, a exposição dos feitos segue “el orden en que acontecieron, respetando su sucesión y la cronología en que ocurrieron o probablemente pudieron ocurrir” (Anônimo, 1997, p. 83). Por fim, a narração será verossímil se respeitar lugares, tempos e pessoas, os quais compõem a matéria; se contar de forma crível a ação; e se articular de forma lógica os eventos que se sucedem. Em suma, a ação precisa ter começo, meio e fim. (Anônimo, 1997, p. 83-84).

Ainda que as preceptivas tendam a indicar o início da narração *in media res* (no meio das coisas), o poema *Isidro* se inicia em *ordo naturalis* (ordem natural), com a narração do nascimento do santo. Isso não demonstra inobservância dos preceitos, haja vista que, na *Retórica a Herênio*, coloca-se que a narração deve começar no ponto preciso e os eventos devem se suceder de maneira lógica. Se o intuito do poema lopiano é narrar a vida de santo Isidro, nada mais verossímil que iniciar esse itinerário pelo nascimento do lavrador.

A narração *in ordo naturalis* do poema procura enfatizar que, desde o nascimento, Isidro é um eleito de Deus:

Nació en Madrid finalmente
Nuestro Labrador diuino,
Y aunque aca villano vino,
Boluio ilustre, y excelente,
Al trono del Uno y Trino.

Sus padres pobres, y iguales,
Dieronle pobres pañales,
Entre animales naciendo,
Mirad que va pareciendo,
Con nacer entre animales?
(Lope de Vega, 1599, p. 12).

É evidente a relação estabelecida entre Isidro e Jesus Cristo: ambos nasceram pobres e entre animais. Ainda que filho de pobres lavradores, Isidro, por sua humildade, mereceu, ao morrer, ser exaltado, tornando-se santo.

Ao longo da narração, há vários episódios sobre milagres operados por Deus através de Isidro. Os milagres foram extraídos, principalmente, do *Códice de San Isidro* ou *Códice de Juan Diácono*, encontrado em 1504 na Iglesia de San Andrés.

No “Canto III”, obedecendo-se ao princípio da clareza, o qual, como visto, demanda o respeito à sucessão dos eventos (cronologia), narra-se o primeiro milagre ligado a santo Isidro. Deus, diante da humildade do lavrador, e após ver as acusações das quais Isidro era vítima, envia os anjos para lavrarem os campos de Iban de Vargas:

Tenia determinado [Deus],
Que padeciesse en su honor
Afrenta aquel Labrador,
que tan buena cuenta ha dado
De su viña a su señor.

Yd, celícolas, volando
A la tierra, en que ya veo
Su humildad, por quien desseo
Que ayudéis a Isidro arando,
Isidro nuevo Eliseo.
(...)
Esto diciendo [Deus], ya estauan
Seis Angeles en la tierra
Que el câpo de Isidro encierra,
Adonde también le dauan
Seis embidiosos tal guerra.

Las flores, yeruas, y plantas,
Que de la embidia las plantas
En abrojos conuirtieron,
Tocadas reuerdecieron
De aquellas deidades santas

Admirandose a porfia
Desde el sembrado à las eras,
Las agostadas riberas,
De ver que en un año, y dia,
Gozaron seis Primaveraes.
(Lope de Vega, 1599, p. 52-55).

Esse episódio é o primeiro em que há a presença do maravilhoso cristão no poema. Os anjos operam grandes feitos no campo de Iban de Vargas. Além de arrancarem as ervas daninhas plantadas pelo vício da Inveja, dando ao campo novamente o aspecto esverdeado, os anjos, em um dia, realizam aquilo que exigiria ao menos seis primaveras. Como na “Parábola dos Talentos” (cf. Mt 25, 14-30) e na “Parábola dos Trabalhadores na Vinha” (cf. Mt 20, 1-16), parafraseadas no trecho, Isidro pode, com a chegada de Iban de Vargas, o senhor da vinha, prestar contas do trabalho realizado, que, aliás, frutificou o patrimônio do patrão.

Esse evento, sem dúvidas, é o mais significativo, basta ver que as diversas representações gráficas do santo destacam esse milagre. Veja-se, por exemplo, a gravura (Fig. 1) do século XVIII:

Figura 1: *San Isidro*, de Mariano Brandi e José Maea



Fonte: Biblioteca Digital Hispánica. Disponível em: <<https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000184076>>. Acesso em 27 out. 2024.

Em síntese, esse episódio assegura tanto o maravilhoso quanto o verossímil. Como visto em Tasso, a simples presença de Deus e filias já garantem o maravilhoso, o qual deleita a audiência. Entretanto, como a audiência do poema é cristã, a ação realizada pelos anjos, enviados pelo próprio Deus para auxiliar santo Isidro, é tida como verossímil, pois os milagres podem, efetivamente, ocorrer.

Os demais cantos da epopeia narram outros milagres relacionados a santo Isidro. No “Canto X”, obedecendo-se à *ordo naturalis*, narra-se a morte do santo lavrador e sua ascensão aos céus:

Muerte, quien ay que no diga.
Siendo amarga tu memoria
que el tenerla en ti, es vitorias?
Nacer a morir obliga,

No temerte, alcança gloria.

Que en fin el dia primero
Al hombre truxo el postrero
Nacen, mueren, van y vienen
Rios que un abismo tienen,
Curso a la muerte ligero

(...)
Por que del justo la muerte
Es un dulce sueño en Dios.

Oy que Isidro va a gozar
El premio que el justo alcança
A la bienaventurança,
El canto es justo esforçar
En su diuina alabança.

Si muere de gloria lleno,
Este yo de pena ageno:
Malo y bueno comúnmente
Mueren, mas gloriosamente,
Solo se concede al bueno
(Lope de Vega, 1599, p. 231; p. 234).

A vida é metaforizada num rio cujo curso desagua na morte. Como em diversas *ars moriendi* quinhentistas e seiscentistas, como, por exemplo, *La cuna y la sepultura* (1634), de Francisco de Quevedo, reforça-se, na epopeia, que, desde o momento do nascimento, o homem inicia seu caminho para a morte. Por essa razão, se a morte é inevitável, é necessário preparar-se em vida para o momento fatídico, tendo em vista o que ocorre no *post mortem*: a ressurreição da alma no paraíso ou no inferno (Quevedo, 1670, p. 199).

O canto enlutado do aedo deve cessar, pois, ao justo, àquele que viveu retamente, é reservado o prêmio da imortalidade no paraíso. O pranto e a pena devem ser reservados aos maus, os quais, com a morte, serão castigados. Se bons e maus morrem, apenas aqueles receberão a glória eterna. O fim da epopeia, em suma, é deleitoso e alegre, dado que ao herói, convém um “(...) fim felice e bem-aventurado para que a fábula seja bem-acostumada e não persuada a desesperação antes convide à imitação das virtudes, que propõe perfeitíssimas no herói de que se canta” (Almeida, 2006, p. 8).

A glória imorredoura (*kléos* ou *fama*) do herói Isidro não se restringe, por certo, ao conteúdo teológico presente do poema. Se de um lado, a epopeia reforça a imortalidade da alma, é a própria poesia, de outro lado, que, ao narrar os feitos do lavrador humilde, imortaliza o nome de santo Isidro para que sirva “de ejemplo en los venideros siglos” (Cervantes, 2015, p. 487).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lida a partir das convenções quinhentistas e seiscentistas sobre o gênero, a epopeia hagiográfica *Isidro*, de Lope de Vega, mostra-se atenta às discussões em torno da manutenção do maravilhoso e do respeito ao verossímil poético. A substituição dos elementos ditos “pagãos” por elementos cristãos visa a garantir, simultaneamente, o maravilhoso – efetuado pela narração de milagres, por exemplo –, e o verossímil – aquilo que para a audiência é crível.

A epopeia *Isidro*, em suma, deleita a audiência com o prazer decorrente da admiração das coisas feitas (*res gestae*) por santo Isidro, e com as interferências divinas no poema; ensina virtudes, como, por exemplo, a humildade, tão necessária à manutenção da hierarquia de uma sociedade corporativa como a do Antigo Regime; e move a audiência em direção à virtude para que ela, assim como o santo lavrador, seja premiada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Pires de. Discurso sobre o poema heroico. **RELL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, v. 2, n. 2, 2006.

ANÔNIMO. **Retórica a Herenio**. Introducció, traducció y notas: Salvador Núñez. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, comentários, índices analítico e onomástico: Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1728. 8v.

CASCALES, Francisco. **Tablas poéticas**. En Madrid: por Don Antonio de Sancha, 1779.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. 2 ed. São Paulo: Alfaguara, 2015. (Edición Conmemorativa IV Centenario Cervantes).

ENTRAMBASAGUAS, Joaquín de. **Lope de Vega y su tiempo: estudio especial de El villano en su rincón**. Barcelona: Editorial Teide, 1961.

FELIPE, Cleber Vinícius do Amaral. Uma brevíssima introdução ao gênero épico. In: LACHAT, Marcelo; CHAUVIN, Jean Pierre (Orgs.). **As Letras na Terra do Brasil (séculos XVI a XVIII): uma introdução**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022, p. 49-83.

FERREIRA, Bartolomeu. Aprovação. In: CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Lisboa: em casa de Antonio Gõçalvez, 1572.

HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan. (org.). **Épicos: Prosopopeia, O Uruguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios; I- Juca Pirama**. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial do Estado, 2008, p. 17-91.

HOMERO. **Iliada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices Peter Jones. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Introdução, tradução, comentários: Raúl Miguel Rosado Fernandes. Algueirão-Mem Martins: Inquérito, 1984.

LOPE DE VEGA, Félix. **Isidro**: poema castellano de Lope de Vega Carpio, Secretario del Marques de Sarria, en que se escribe la vida del bienaventurado Isidro, Labrador de Madrid, y su Patrón divino. En Madrid: por Luis Sanchez, 1599.

MAERKI, Thiago. Hermenêutica seráfica: a representação hagiográfica de Francisco de Assis na cultura letrada portuguesa (século XVI – XVIII). [s.n]. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

MORGANTI, Bianca Fanelli. A mitologia n’*Os Lusíadas*: balanço histórico-crítico. 181 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PEREIRA, Wagner Monteiro. Crítica e teoria poética nos Séculos de Ouro: a teorização sobre o gênero épico nas artes poéticas e um estudo sobre a poesia épica de Lope de Vega. 393 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

PINCIANO, Alonso López. **Philosophía antigua poética**. Edición: José Rico Verdú. Madrid: Biblioteca Castro, 1998.

QUEVEDO, Francisco de. La cuna y la sepultura para el conocimiento propio, y desengaño de las cosas ajenas. In: QUEVEDO, Francisco. **Obras de Don Francisco de Quevedo Villegas**: segunda parte. Brusselas: Imprenta de Francisco Foppens, 1670. p. 195-232.

TASSO, Torquato. Discurso da arte poética e em particular sobre o poema heroico. In: SILVA, Denis César da. *Os Discorsi dell’arte poética*: tradução e leituras portuguesas. 177 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 55-117.

TEIXEIRA, Ivan. Apresentação. In: CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018, p. 15-72.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.